

Johann Strauss II

Johann Strauss, filho (1825-1899), ou o jovem, é o membro mais famoso de uma família que começou com o seu pai, Johann Strauss I (1804-1849), um notável violinista, compositor e maestro. Juntamente com os seus irmãos Joseph e Edward, ambos compositores de valsas e polcas, o jovem Strauss foi a figura de proa da música de dança vienense no século XIX.



Ao contrário do que seria de esperar, o jovem Johann (1825-1899) não teve o apoio do pai quando disse que queria ser músico. Mas o pai abandonou a família quando ele tinha dezassete anos e foi nessa altura, com a ajuda da mãe, que começou a estudar música formalmente. Em breve tem a sua própria pequena orquestra, com a qual se estreia em 1844, após grandes dificuldades, pois ninguém o queria contratar, temendo a ira do seu pai.

PAI E FILHO EM CONFLITO

No entanto, o seu sucesso foi tal que se tornou o rival incontestável do pai. Este nunca lhe perdoou esse facto e, até à sua

morte, cinco anos mais tarde, a rivalidade e os confrontos entre os dois foram contínuos. Estas divergências aumentaram ainda mais quando, na revolução burguesa que teve lugar em Viena em 1848, o seu filho apoiou os revolucionários e o seu pai a monarquia.

SUCESSO E FAMA

Na década de 1850, Strauss introduziu nas suas valsas algumas técnicas de composição de Liszt e Wagner, o que lhe valeu críticas por parte dos anti-wagnerianos, mas o público era-lhe favorável e as suas atuações tinham lotação esgotada. Era um músico tão procurado que, durante as suas numerosas digressões pela Europa e pelos Estados Unidos, só podia dar uma única atuação em cada um dos locais onde estava contratado. A partir de 1856, Strauss viajou por toda a Europa durante trinta anos, de Inglaterra à Polónia, Alemanha, França, Itália e Rússia. Chegou mesmo a viajar para os Estados Unidos em 1872, convidado a participar no festival internacional realizado em Boston para comemorar o fim da Guerra Franco-Prussiana. A gala foi um grande acontecimento, onde interpretou duas das suas valsas mais famosas: *An der schönen blauen Donau op. 314 - Danúbio Azul* (1867) e *Wein, Weib und Gesang op. 333 - Vinho, Mulheres e Canções* (1869). A partir da década de 1860, Strauss combinou estas digressões com a realização da temporada de bailes da alta sociedade vienense. Foram também anos de intenso trabalho de composição, nos quais surgiram algumas das suas melhores valsas, como *Morgenblätter op. 279 - Jornais da Manhã* (1863),

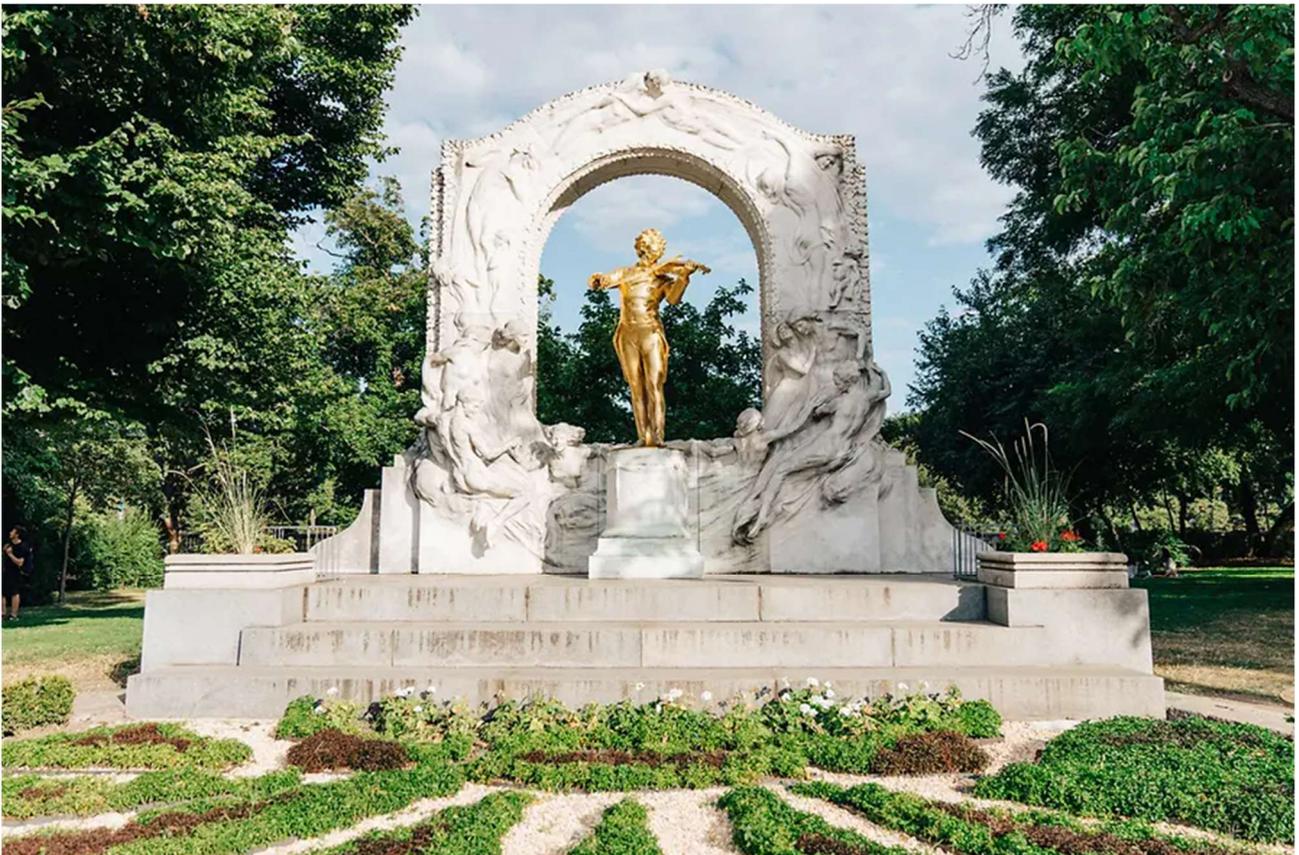
G'schichten aus dem Wienerwald op. 325 - Contos dos Bosques de Viena (1868) e as já mencionadas *Danúbio Azul e Vinho, Mulheres e Canções*, entre muitas outras.

O "REI DA VALSA"

Todas as valsas famosas de Strauss se enquadram num padrão básico que consiste numa introdução lenta, geralmente seguida de cinco secções e um final que introduz as principais melodias da valsa numa sequência contínua, criando assim uma sensação de aceleração do ritmo musical. As valsas de Strauss são orquestradas, as suas combinações tonais são equilibradas e as suas melodias muito elegantes. Pode dizer-se que Strauss, nas suas valsas, captou o ambiente da sociedade vienense do século XIX, a sua sofisticação e hedonismo.

AS ÓPERAS

A ópera cómica e a opereta eram géneros muito populares em Viena, especialmente as obras do francês Jacques Offenbach, mas não existia uma produção vienense própria. Para encontrar este elemento diferenciador, os diretores de teatro e os libretistas recorreram a Strauss na década de 1870. O músico, que nunca teve de adaptar as suas melodias a um texto, não era muito exigente na escolha dos libretos, pelo que, das dezoito operetas que compôs, apenas duas passaram a fazer parte do seu repertório regular: *Die Fledermaus - O Morcego* (1874), que tem toda a elegância e brilho das suas melhores valsas, e *Der Zigeunerbaron - O Barão Cigano* (1885), para a qual utilizou melodias e harmonias que conseguiram captar o sabor húngaro do tema.



Johann Strauss Monument, Stadtpark, Vienna (Austria).